

O PAPEL DA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR NA RECUPERAÇÃO DE CRIANÇAS PRIVADAS DO CONVÍVIO SOCIAL, FAMILIAR E ESCOLAR

Natália Freski Batista dos Santos (Unisecal)¹

Valéria Dias Ribeiro (Unisecal)²

Orientadora Ms. Juliana Sauerbier (UNISECAL)³

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discutir sobre o papel da brinquedoteca hospitalar na recuperação de crianças privadas do convívio social, familiar e escolar. Corroboraram com a pesquisa de maneira qualitativa alguns autores como: ARIÈS (1981); CARVALHO (2003); KUHLMANN (1998), CUNHA (2001); KISHIMOTO (2010); entre outros. Quanto à metodologia, a pesquisa teve caráter de estudo bibliográfico. O brincar é uma das características da infância, faz parte das necessidades da criança. Através das brincadeiras as crianças expressam suas atitudes e sentimentos. Por meio da criação de brinquedotecas em ambientes hospitalares, visto que crianças e adolescentes hospitalizados, mesmo estando em tratamento temporário ou permanente, devem ter acesso aos processos de ensino e aprendizagem de forma lúdica. Com base nos resultados, todas as crianças e adolescentes hospitalizados têm garantido o direito a ter momentos de aprendizagem, prazer e alegria dentro do hospital. As ações na brinquedoteca podem contribuir para o desenvolvimento dos sujeitos através das brincadeiras, imaginação, bem como aos aspectos psicossociais do enfrentamento do adoecimento. **Concluimos** assim a importância da brinquedoteca nos hospitais, proporcionando o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes por meio do brincar.

Palavras-chave: Criança. Brincar. Brinquedoteca. Hospital. Desenvolvimento integral.

THE ROLE OF THE HOSPITAL TOY LIBRARY IN THE RECOVERY OF CHILDREN DEPRIVED FROM SOCIAL, FAMILY AND SCHOOL CONVIVIATION

ABSTRACT: This article aims to discuss the role of the hospital toy library in the recovery of children deprived of social, family and school life. Some authors corroborated the research in a qualitative way, such as: ARIÈS (1981); CARVALHO (2003); KUHLMANN (1998), CUNHA (2001); KISHIMOTO (2010); between others. As for the methodology, the research had the character of a bibliographic study. Playing is one of the characteristics of childhood, it is part of the child's needs. Through play, children express their attitudes and feelings. Through the creation of toy libraries in hospital environments, since hospitalized children and adolescents, even being in temporary or permanent treatment, must have access to teaching and learning processes in a playful way. Based on the results, all hospitalized children and adolescents are guaranteed the right to have moments of learning, pleasure and joy within the hospital. Actions in the toy library can contribute to the development of subjects through play, imagination, as well as the psychosocial aspects of coping with illness. Thus, we conclude the importance of the toy library in hospitals, providing the integral development of children and adolescents through play.

Keywords: Child; To play; Toy library; Hospital; Comprehensive development.

¹ Acadêmica do curso de licenciatura em Pedagogia Unisecal. nataliafreski30@gmail.com

² Acadêmica do curso de licenciatura em Pedagogia Unisecal. zinnaval06@gmail.com

³ Mestra em Ensino de Ciência e Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. juliana.sauerbier@professorsecal.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo é discutir, baseando –se em diversos autores, sobre o papel da brinquedoteca hospitalar na recuperação de crianças privadas do convívio social, familiar e escolar.

Por meio deste artigo pretende-se contribuir com o cenário educacional trazendo o trabalho importante de uma brinquedoteca hospitalar, refletindo assim no desenvolvimento escolar e físico das crianças hospitalizadas. A brinquedoteca hospitalar no Brasil ainda é recente e pouco conhecida.

A lei 11.104/2005, de autoria da Deputada Luiza Erundina (PSB - SP), tornou obrigatória a instalação de brinquedotecas em hospitais públicos e privados que possuem unidades pediátricas no Brasil. Essa lei representa valiosa conquista para crianças internadas, pois terão assegurado um espaço com brinquedos e jogos educativos, o que contribui para diminuir o sofrimento de um tratamento hospitalar, com resultados comprovados de ajuda na recuperação da saúde da criança.

Nos hospitais que implantaram brinquedotecas, essas práticas educativas, recreativas e artísticas, geralmente são realizadas por voluntários, brinquedistas e professores. Essas pessoas procuram oferecer, através do lúdico, condições dignas de internação, mesmo nos momentos difíceis no hospital.

Para compreender a presença de brinquedotecas em hospitais nos dias atuais, é necessário, inicialmente, abordar sobre a importância do brincar na infância, resgatando as concepções de criança e infância ao longo dos tempos. A partir disso, fazer a contextualização sobre os espaços das brinquedotecas tanto nos ambientes formais como nos espaços não formais. Para finalizar, buscou-se compreender sobre o papel do pedagogo nas brinquedotecas hospitalares e qual sua importância para esse contexto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA INFÂNCIA

A história da criança e da infância é culturalmente construída, por isso o olhar deve estar voltado ao passado, sendo que os conceitos de criança e a infância se completam como nas palavras de Freire (1983), “ a partir das relações com outras pessoas nos constituímos humanos,

fazemos parte de uma sociedade, estamos nela e com ela, criamos, recriamos e tomamos decisões”.

A criança sempre existiu, mas constata-se que o sentimento de infância era ausente até o século XVI, e a partir do século XVII e XVIII surgiu a concepção de infância como categoria de construção social, mesmo ela existindo desde os primórdios da humanidade, e assumindo diferentes significados ao longo do tempo, foi pelas relações sociais e não só apenas em função das especificidades da criança, como afirma Carvalho:

[...] A aparição da infância ocorreu em torno do século XIII e XIV, mas os sinais de sua evolução tornaram-se claras e evidentes, no continente europeu, entre os séculos XVI e XVIII no momento em que a estrutura social vigente (Mercantilismo) provocou uma alteração nos sentimentos e nas relações frente à infância (CARVALHO, 2003, p. 47).

A reflexão sobre a construção da história da infância deve partir da individualidade da criança como sujeito histórico no mundo social.

Uma questão que se refere ao olhar para a criança pequena na sociedade chama atenção os trajes utilizados, que não eram diferentes dos adultos, sendo visto como um marco na formação do sentimento de infância. De acordo com Ariès (1981, p. 69):

A indiferença marcada que existiu até o século XIII - a não ser quando se tratava de Nossa Senhora menina - pelas características próprias da infância não aparece apenas no mundo das imagens: o traje da época comprova o quanto a infância era então pouco particularizada na vida real. Assim que a criança deixava os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno de seu corpo, ela era vestida como os outros homens e mulheres de sua condição.

Percebe-se que a criança era vista como um adulto em miniatura, ela não tinha suas particularidades, ou seja, “a criança, por muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, e sim, homens de tamanho reduzido” (Ariès, 1981, p. 18). Nessa época, elas trabalhavam em locais que eram de adultos e usavam as mesmas roupas, a diferença entre eles era apenas a força.

Por não ter as distinções entre adultos e crianças, elas tinham que aprender as tarefas do dia a dia, a trabalhar, e ajudar os mais velhos nos serviços. Segundo Ariès (1981, p. 228):

O serviço doméstico se confundia com a aprendizagem, como uma forma muito comum de educação. A criança aprendia pela prática, e essa prática não parava nos limites de uma profissão, ainda mais porque na época não havia (e por muito tempo ainda não haveria) limites entre a profissão e a vida particular; a participação na vida profissional - expressão bastante anacrônica, aliás - acarretava a participação na vida privada, com a qual se confundia aquela. Era através do serviço doméstico que o mestre transmitia a

uma criança, não ao seu filho, mas ao filho de outro homem, a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir.

As crianças, depois que passavam o período de amamentação, começavam a fazer parte do mundo dos adultos, elas eram criadas por outras famílias para que aprendessem com eles uma profissão desde cedo. Mas, a partir do século XVIII, as crianças começaram a ser reconhecidas, e os adultos a ter outra visão sobre elas, agora poderiam ter quartos, uma alimentação específica e adequada, e terem um espaço na sociedade, ali nascia a concepção de infância.

No instante em que a infância aparece em uma posição de mais evidência, Ariès (1981) a destaca como algo específico da criança, fator essencial que a torna diferente do adulto.

Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento da infância não existia - o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. (ARIÈS, 1981, p. 156)

A relação entre a criança pequena e a estrutura social pode ser registrada na contribuição de Kuhlmann (1998, p. 15) ao afirmar que “o fato social da escolarização se explicaria em relação aos outros fatos sociais, envolvendo a democracia infantil, o trabalho feminino, as transformações sociais da infância, etc.” e que a:

[...] infância tem um significado genérico e, como qualquer outra fase da vida, esse significado é função das transformações sociais: toda sociedade tem seus sistemas de classes de idade e a cada uma delas é associado um sistema de status e de papel (KUHLMANN, 1998, p. 16).

É necessário reconhecer a trajetória das crianças e colocá-las como produtoras da história, no qual seu papel foi se modificando ao longo do tempo.

Assim, uma nova fase se inicia na educação das crianças. No Brasil, após a chegada da República, as instituições de educação cresceram de maneira mediana. Antes disso, existiam apenas formas caridosas pelas crianças desamparadas, por motivos políticos, econômicos ou religiosos, uma rede assistencial que foi espalhando-se ao longo do país.

Na década de 60 teve a aprovação da lei n. Lei n. 4.024 de 20 de novembro de 1961 educções brasileiras. (BRASIL, 1961), trazia com ela uma ampla reforma para a educação brasileira. Em seu Título VI referente à educação pré-primária consta que:

Art. 23. A educação pré-primária destina-se aos menores até sete anos, e será ministrada em escolas maternas ou jardins-de-infância.

Art. 24. As empresas que tenham a seu serviço mães de menores de sete anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativa própria ou em cooperação com os poderes públicos, instituições de educação pré-primária.

Na sequência, em 1990, foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente, reafirmando seus direitos. Para Rizzini (1997, p. 32):

O Estatuto da Criança e do Adolescente foi considerado um avanço jurídico e social em relação à infância e à adolescência, por encarar a vida das crianças e jovens em sua plenitude (em seu direito à vida, à educação regular, à saúde, ao carinho familiar e à assistência social); o Estatuto legitimou a cidadania como um direito de crianças e a sua promoção como um dever do Estado e da sociedade. A prática, no entanto, ainda aponta para os preconceitos, para a marginalização e o descaso com a vida da maior parte das crianças e jovens do país.

Ao longo do tempo podemos notar que as crianças e adolescentes vem adquirindo vários direitos que tem que ser cumpridos pela família e sociedade, como: alimentação, saúde, educação de qualidade, cuidados em geral, entre outros. E o lazer também faz parte desses direitos, então a criança e o adolescente têm a obrigação de brincar.

O contexto que se refere ao lazer vem de encontro com a Constituição Federal de 1988, especificamente em seu artigo 277, que é reconhecida como direito da criança:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência e opressão.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990), nos artigos 4º e 16º, trazem os direitos e princípios, sua relação com o brincar, dentre os quais destacamos:

Art.4º - Direito ao lazer.

Art. 16º - Direito à liberdade compreendendo os seguintes aspectos: Brincar, praticar esportes e divertir-se. (BRASIL, 1990).

É necessário que a população faça cumprir esse direito e que ele seja respeitado, pois o brincar é uma atividade essencial para a saúde física, emocional e intelectual do ser humano, a criança tem de se comunicar consigo mesmo e com o mundo. Por vezes, ouve-se das pessoas que “as crianças estão somente a brincar” ou então “as crianças passam a maior parte do tempo a brincar e isso é uma perda de tempo”. O tempo que os adultos disponibilizam para as crianças brincarem é fundamental para o seu desenvolvimento, segundo Ferland (2006, p.6)“ ao brincar, a criança progride nas diferentes esferas do seu desenvolvimento”.

Para as autoras Salomão; Martini & Jordão (2007, p. 12) o “brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida como também de transformá-la”.

Essa é a concepção de criança e infância dos tempos atuais, ao colocar um brinquedo próximo ao bebê, estará se apropriando dos seus direitos de tomar decisões, a tocar, a se organizar, de fazer movimentos e conhecer texturas. Nessa perspectiva o brincar e a brincadeira assumem uma posição privilegiada para a análise do processo de constituição do sujeito.

Na brincadeira, a criança tem a possibilidade de experimentar o novo de diversas formas, ela é exercitada a ser criativa, a imaginar situações e reproduzir momentos e interações da sua vida. O brincar se torna importante no desenvolvimento da criança de maneira que as brincadeiras e jogos vão surgindo progressivamente na vida da criança desde os mais funcionais até os de regras.

Estes são elementos elaborados que proporcionarão experiências, possibilitando a conquista e a formação da sua identidade. É notável que os brinquedos e as brincadeiras sejam fontes de interação lúdica e afetiva e o jogo é um excelente recurso para facilitar a aprendizagem. Neste sentido, Carvalho (1992, p.14) afirma que:

(...) desde muito cedo o jogo na vida da criança é de fundamental importância, pois quando ela brinca, explora e manuseia tudo aquilo que está a sua volta, através de esforços físicos e mentais e sem se sentir coagida pelo adulto, começa a ter sentimentos de liberdade, portanto, real valor e atenção às atividades vivenciadas naquele instante.

Vários autores corroboram sobre a importância da brincadeira e dos jogos na vida e no cotidiano de uma criança. É fato que a brincadeira deve estar presente tanto na escola, que faz parte do espaço formal, quanto também em outros espaços que não são formais, os quais estão organizados em brinquedotecas e será discutido no próximo item.

2.2 A PRESENÇA DA BRINQUEDOTECA NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS

É comum ver brinquedotecas no nosso cotidiano, porém muitas pessoas não sabem o nome correto e sua importância. Podemos encontrar brinquedotecas em: Escolas, hospitais, creches e estabelecimentos comerciais.

A brinquedoteca no ambiente formal/escolar: proporciona atividades lúdicas para as crianças que frequentam esse espaço. Tem o objetivo de ajudar a cultivar a afetividade, a

solidariedade, o respeito entre outros. Além de o espaço trazer muitas brincadeiras, também produz e constrói conhecimentos através do brincar.

A Base Nacional Comum Curricular (2017) apresenta o brincar como um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento da criança:

“Brincar cotidianamente de diversas formas” em diferentes espaços e tempos com diferentes parceiros, crianças e adultos, ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, suas criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (BRASIL, 2017, p.36)

A brinquedoteca no ambiente não formal/ hospitalar: A brinquedoteca em espaços não escolares é um ambiente rico de significados, portanto cabe aos profissionais atribuir o devido valor, não somente por ser um espaço para as crianças brincarem, mas sim por beneficiar o resgate da saúde através do brincar. De acordo com Kishimoto (2010, p. 61).

Brincar é uma ação cotidiana para a criança que a impele a tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si mesmo e ao outro, partilhar brincadeiras, construir sua identidade, explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura na perspectiva de compreendê-la, usar o corpo, os sentidos, os movimentos e as várias linguagens. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender se desenvolver.

A Brinquedoteca Hospitalar como ambiente de aprendizagem consiste em um ambiente organizado, decorado com motivos infantis, mobília ajustada para a criança, brinquedos, jogos, livros, revistas e cantos que compreendem cada fase do desenvolvimento infantil.

Para uma criança hospitalizada, o brincar ajuda na saúde mental, contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento das habilidades motoras e sociais. Nos hospitais por lei deve conter um ambiente para que as crianças internadas tenham um momento de lazer e de brincadeiras, oportunizando a recuperação de crianças internadas.

2.3 A BRINQUEDOTECA HOSPITALAR E A RECUPERAÇÃO DE CRIANÇAS INTERNADAS

Brinquedoteca é um ambiente que promove a brincadeira. É onde a criança e o adulto podem se divertir, usar a imaginação e entrar no mundo da fantasia. O local pode conter jogos educativos, brinquedos, livros de histórias e instrumentos para desenvolver a ludicidade da criança. Para Cunha (1998, p. 40), a brinquedoteca é “um espaço preparado para estimular a criança a brincar, possibilitando o acesso a uma grande variedade de brinquedos, dentro de um ambiente especialmente lúdico”.

Noffs (2001, p. 160), afirma que a brinquedoteca é:

Um espaço onde a criança, utilizando o lúdico, constrói suas próprias aprendizagens, desenvolvendo-se num ambiente acolhedor, natural e que funciona como fonte de estímulos, para o desenvolvimento de suas capacidades estéticas e criativas, favorecendo ainda sua curiosidade.

E com as crianças em situações de internamento não é diferente, a exigência de instalar brinquedotecas em hospitais que possuam atendimento pediátrico em regime de internação é atualmente obrigatória em todo o território nacional, sancionada pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, estando amparado pela Lei Federal nº 11.104 de 21 de Março de 2005 (BRASIL, 2005):

Art. 1º Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências.

Parágrafo único. O disposto no caput deste artigo aplica-se a qualquer unidade de saúde que ofereça atendimento pediátrico em regime de internação.

Art. 2º Considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar.

Art. 3º A inobservância do disposto no art. 1º desta Lei configura infração à legislação sanitária federal e sujeita seus infratores às penalidades previstas no inciso II do art. 10 da Lei nº 6.437, de 20 de agosto de 1977.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor 180 (cento e oitenta) dias após a data de sua publicação.

Sendo assim, o espaço da brinquedoteca vem como forma de proporcionar um ambiente hospitalar mais leve e descontraído trazendo mais alegria e esperança para as crianças hospitalizadas, assim trabalhando com atividades recreativas, histórias, dramatizações, desenhos livres, com essas atividades as crianças podem extravasar suas angústias. Assim, ajudando a amenizar o sofrimento e fazendo com que elas não percam a infância durante o período de tratamento.

Quanto a isso, Cunha (2001, p.97), destaca que “para alegrar a criança durante sua permanência no hospital foi criada a brinquedoteca hospitalar. Lá, a criança pode encontrar brinquedos para se distrair e, no caso de não poder deixar o leito, os brinquedos serão levados até ela”. Dessa forma, ocorre à humanização do atendimento, a dor é minimizada, contribuindo então para sua cura, trazendo esperança, enxergando a criança e ao adolescente de verdade, e não apenas a doença.

A brinquedoteca hospitalar vem contribuir para melhorar a permanência da criança no hospital, possibilitando a evolução mental, psicológica, social e física da criança por meio do lúdico. Faz parte de seus objetivos, proporcionar oportunidade para que as crianças possam brincar sem cobrança de desempenho, de forma livre, assim explorando sua imaginação, com a obrigação apenas de brincar.

Outro objetivo é estimular o desenvolvimento da capacidade de concentrar a atenção e de construir uma vida interior rica. Pois é essencial para aprendizagem, porque permite que a criança mantenha a atenção e a concentração em uma determinada atividade durante um tempo, estimulando as manifestações cognitivas e afetivas da criança. O equilíbrio emocional é essencial nesse momento, estará livre para fazer o que tem vontade, e o que sente necessidade de fazer, conseguindo assim o autocontrole.

Outra preocupação é que, a criança ao ser hospitalizada, rompe com todo seu convívio social e familiar, deixando de viver seu cotidiano para tornar-se um paciente. Este cotidiano não familiar faz com que a criança tende a ter reações emocionais, como: ficar vulnerável, amedrontada, angustiada, irritada, causando também sensações de ansiedade, medo e tristeza. E reações físicas, tais como: choro, vômitos, diarreia, insônia entre outras. Segundo Cunha, “a brinquedoteca também contribui para enriquecer o relacionamento entre as crianças e as suas famílias”, visto que poderão estar brincando juntos, interagindo e criando laços de afetividade.

A hospitalização é uma experiência capaz de trazer traumas para qualquer pessoa, seja ela adulta ou criança. As consequências psicológicas e físicas decorrentes dela podem, inclusive, comprometer o processo de desenvolvimento.

Ao conviver com uma criança hospitalizada é preciso compreender o sofrimento que a mesma está sentindo em função da doença, o qual se intensifica devido à permanência em um ambiente que não é de seu convívio. É necessário que todas as pessoas que tenham contato com a criança, saibam que não se deve tratar somente a doença e sim vê-la como um todo, com suas necessidades específicas, como o brincar. Para Velasco (1996, p. 78):

Brincando a criança desenvolve suas capacidades físicas, verbais ou intelectuais. Quando a criança não brinca, ela deixa de estimular, e até mesmo de desenvolver as capacidades inatas podendo vir a ser um adulto inseguro, medroso e agressivo. Já quando brinca a vontade tem maiores possibilidades de se tornar um adulto equilibrado, consciente e afetuoso.

Para as crianças hospitalizadas, o brincar tem um importante valor terapêutico, sendo um facilitador, proporcionando a redução do estresse e da ansiedade. Assim, influenciando no

restabelecimento físico, emocional e social, pois se torna um processo menos traumatizante e mais alegre.

Para que a recuperação aconteça de maneira satisfatória, é necessário ter um profissional capacitado para organizar a brinquedoteca dentro dos hospitais da melhor forma possível, disponibilizando brinquedos, jogos, de maneira adequada, para que o ambiente se torne rico, acolhedor e também sem causar danos para sua aprendizagem.

2.4 O PAPEL DO PEDAGOGO NAS BRINQUEDOTECAS HOSPITALARES

As crianças e adolescentes que se encontram em situação de internamento, têm direito a educação integral e de qualidade, tornando assim a sua vida melhor e equilibrada. Na lei 13.716, de 2018, sancionada e publicada no Diário Oficial da União, passa a vigorar acrescida do seguinte em seu art. 4º:

“É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa.” (BRASIL, 1996).

A pedagogia hospitalar vem crescendo sucessivamente nos últimos anos, pois é importante o sócio afetivo da criança e do adolescente, e por ser um direito humano. Isso faz com que essa área venha sendo trabalhada e discutida por vários teóricos para atender às necessidades educacionais das crianças hospitalizadas. De acordo com o Documento Classes Hospitalares (2002, p. 22):

O professor que irá coordenar a proposta pedagógica em classe hospitalar ou em atendimento pedagógico domiciliar deve conhecer a dinâmica e o funcionamento peculiar dessas modalidades, assim como conhecer as técnicas e terapêuticas que dela fazem parte ou as rotinas da enfermagem ou dos serviços ambulatoriais e das estruturas de assistência social.

O Pedagogo é visto somente como professor em sala de aula, no entanto ele pode atuar no ambiente escolar sendo: Diretor, coordenador e professor. Nos ambientes não escolares, pode atuar em: empresas, hospitais, casa domiciliar e outros, pois saberá coordenar, executar e avaliar projetos educacionais para várias faixas etárias. Desta maneira, relata o Ministério da Educação e a Secretaria de Educação Superior (2010, p. 88) sobre seu ambiente de atuação:

“O Pedagogo trabalha como professor em creches e em instituições de ensino que oferecem cursos de Educação Infantil e Fundamental; como gestor de processos educativos de sistemas e de instituições de ensino; em editoras e em órgãos públicos e

privados que produzem e avaliam programas e materiais didáticos para o ensino presencial e a distância. Além disso, atuam em espaços de educação não formal, como organizações não governamentais, hospitais, asilos, movimentos sociais, associações e clubes; em empresas que demandem sua formação específica e em instituições que desenvolvem pesquisas educacionais. Também pode atuar de forma autônoma, em empresa própria ou prestando consultoria”.

O pedagogo é um profissional que deve estar preparado para atuar em qualquer ambiente, seja ele um ambiente formal ou não formal, proporcionando ensino e aprendizagem de qualidade. Dentro do Hospital não é diferente, seu papel é orientar, estimular, nortear motivar a criança ou adolescente, trabalhando de forma diferenciada. O pedagogo, ao trabalhar com o lúdico, vem ao encontro do alívio, da desmotivação e frustração do paciente causado pelo ambiente e situação de internamento.

2.5 METODOLOGIA

A pesquisa científica foi realizada por meio de levantamento bibliográfico, uma investigação de estudos diversificados sobre a temática intitulada O papel da brinquedoteca hospitalar na recuperação de crianças privadas do convívio social, familiar e escolar. Para Gil (2002, p. 17) “a pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não pode ser relacionada adequadamente ao problema”.

Também podendo ser citado que a pesquisa bibliográfica vem buscar este levantamento de obras de diversos autores em livros, revistas, artigos, teses, dissertações e outros. Esta pesquisa também pode ser feita por publicações na internet como no Google acadêmico, Google livros, biblioteca virtual, bibliotecas, site das bibliotecas de universidades, e outros.

Nesse contexto vem de encontro às palavras de Ruiz (2009, p.57), quando diz que “qualquer espécie de pesquisa, em qualquer área, supõe e exige pesquisa bibliográfica prévia, quer a maneira de atividade exploratória, quer para o estabelecimento de status quaestionis, quer para justificar os objetivos e contribuições da própria pesquisa”.

Foram utilizados nesse estudo algumas plataformas como Scielo, Google acadêmico, e a elaboração do mesmo contou com 18 referências, entre elas: Freire (1983), Carvalho (2003), Ariès (1981), Kuhlmann (1998), Ferland (2006), Cunha (1998), Noffs (2001), Velasco (1996),

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa acadêmica teve por objetivo levar os leitores a refletir sobre o papel da brinquedoteca hospitalar na recuperação de crianças privadas do convívio social, familiar e escolar, este sendo um ambiente não formal em relação ao ambiente escolar, que por vezes é deixado de lado pelo fato de que, o foco acaba sendo a enfermidade vivida pelo indivíduo nesse momento, e o brincar deve ser visto como fundamental para as crianças.

Concluímos através deste artigo acadêmico, que o desenvolvimento das crianças não pode ser afetado quando passam por um internamento longo, ou que de determinada forma as impossibilite de ir à escola.

Portanto, garantido por lei, estes locais de internamento devem ter brinquedotecas e profissionais qualificados para o melhor aproveitamento deste espaço, direcionando o desenvolvimento do indivíduo de forma integral por meio do brincar e por sua vez no alívio momentâneo da dor do paciente.

A prática do pedagogo na brinquedoteca se apresenta através das variadas atividades lúdicas e recreativas como a arte de contar histórias, brincadeiras, jogos, dramatização, desenhos e pinturas, para continuação dos estudos no hospital. Essas práticas são as estratégias da pedagogia hospitalar para ajudar na adaptação, motivação e recuperação do paciente, que por outro lado, também estará ocupando o tempo ocioso.

O pedagogo tem a função de orientar, estimular e motivar a pessoa enferma e hospitalizada a prosseguir com seu aprendizado, afinal ela continua em crescimento e desenvolvimento e este processo não pode e não deve ser interrompido.

Analisamos por meio desse estudo, que a brinquedoteca hospitalar é imprescindível para a recuperação de crianças hospitalizadas, é um espaço de promoção das interações entre as crianças e os adolescentes, possibilitando momentos de lazer, socialização, aprendizado, resgatando a autoestima, a alegria e a vontade de viver.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. Ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2005.
- BRASIL. **Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005**. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Brasília (DF)
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: CBIA, 1990.
- CUNHA, N. H S. **Brinquedoteca: Um mergulho no brincar**. 3ª ed. São Paulo: Vitor, 2001.
- CUNHA. Nylse Helena da Silva, **O Papel do Brinquedo na Educação e na Saúde**. SEMINÁRIO NACIONAL. Brasília, Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2006.
- FREIRE, P., & Macedo, D. (2011). **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. São Paulo: Paz e Terra. 270p.
- GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume. **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.
- KISHIMOTO, T. M.; ONO. A. T. **Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca**. Prosições, v. 19, n. 3, p. 209-223, 2008
- KUHLMANN JR, Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre, Mediação, 1998. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia. Av. Jonhboyddunlop, s/n, Prédio Administrativo.
- REDIN, Euclides. **O espaço e o tempo da criança: se der tempo à gente brinca! 5**. Ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- SANTOS, S. M. P. dos. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- Seminário Nacional Brinquedoteca: **a Importância do Brinquedo na Saúde e na**
- VIGOTSKI, L. S. (2004a). **O problema da consciência**. In L. S. Vigotski. **Teoria e método em psicologia** (3ª ed., pp.171-189). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1925)
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Trad. M. Resende, Lisboa, Antídoto, 1979. A formação social da mente. Trad. José Cipolla Neto et alii. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1984.

